

Passages de Paris, nº 22/23 (2021/2022)

Entrevista com Lauro César Muniz, dramaturgo teatral e telenovelist

Participação da atriz Mayara Magri¹

Por Thiago SOGAYAR BECHARA

Thiago Bechara – Sejam muito bem-vindos! Que alegria vê-los, depois da nossa conversa telefônica.

Lauro César Muniz – Será um grande prazer passar a limpo um pouco da nossa vida teatral. A minha e a sua também, como escritor de dramaturgia que eu sei que você é...

Thiago – Como jovem aprendiz, tenho a maior honra de conversar com dois mestres. Você, Lauro, é uma das minhas maiores inspirações. E os dois são do interior. Mayara de Mogi Guaçu, e o Lauro de Guará, embora nascido em Ribeirão Preto. Lauro, até onde pesquisei lendo sua biografia publicada pela Coleção Aplauso, você começou a escrever para teatro já em São Paulo, influenciado por comédias de circo e por outras tantas influências. Mas antes disso, ainda em Guará, você já havia tentado a escrita dramaturgica? Esse interesse já havia sido despertado em algum nível?

Lauro – Veja bem, é curioso o que aconteceu comigo. Até me surpreendo quando eu lembro o modo como iniciei minha ligação com o teatro. De certa forma, meu pai me levou muito cedo, ainda criança, para assistir teatro, circo etc. Não que meu pai tivesse qualquer relação com o teatro maior do que o prazer de espectador apenas. Mas ele tinha suas preferências. Isso foi no início e em meados da década de 1950. Daí em diante ele começou a me levar, a mim e à minha irmã Maria Helena, para assistir essas peças. E nós nos encantamos. Não sei o que aconteceu, mas nos encantamos de uma maneira absoluta. Como crianças ainda, assistimos com o maior respeito grandes autores da época, como Joracy Camargo. Então tive a grande oportunidade de assistir Procópio Ferreira, grande nome do teatro brasileiro naquele momento. De tudo o que eu vi, quem mais me tocou o coração; quem mais se aprofundou na minha viagem com

¹ Entrevista realizada via live pelo Instagram do escritor Thiago Bechara e de Lauro César Muniz em 17 de fevereiro de 2023, a partir das 15h, com duração de 1h25min.

relação ao meu futuro teatral, foi o Procópio, que eu tive a enorme felicidade de ter comigo em uma de minhas peças, anos depois. Então conheci meu grande ídolo de infância e acho que posso citar também Rodolfo Mayer, que era um grande ator, mais dramático (Procópio tendendo para o humor; ele tinha uma capacidade no humor que era a coisa mais linda do mundo!).

Mayara Magri – Lauro, conta quando você, ainda menino, fez teatro com a sua irmã. Vocês se apresentavam para a família...

Lauro - É, nós tínhamos uma tendência para o teatro que não sei de onde vinha. O Boal uma vez respondeu para a Renata Pallottini sobre a minha vocação dramatúrgica, a despeito da minha formação como engenheiro: “O caso do Lauro é um caso nato”. E é de fato. Eu e minha irmã fazíamos teatro para os parentes, às vezes íamos para alguma fazenda do meu tio, então aproveitávamos e fazíamos teatro para os colonos. Era uma festa pra mim, uma alegria muito grande. Representar para os colonos. Não há nada mais lindo do que isso. Eram pessoas que nunca tinham ouvido falar em teatro. Tinham uma vaga ideia do que era o cinema quando eu, sendo da cidade, já tinha uma relação com o cinema. E com o rádio, embora a TV nesse momento ainda não tivesse entrado em nossas vidas. O rádio, aliás, já tinha uma espécie de função teatral no sentido de que fazia dramaturgia por meio das rádio-novelas. Então os colonos acompanhavam as rádio-novelas, isto sim. Mas teatro de fato jamais.

Thiago – Essa fazenda do seu tio era de algodão?

Lauro – Algodão e café. Tinha mais café antes, e depois o cultivo foi claramente substituído pelo algodão. São Paulo era a grande pátria do café brasileiro. Perdeu por um bom tempo para o norte do Paraná. E São Paulo passou a se “cuidar” com outras relações econômicas, principalmente com a indústria. Vieram os primeiros automóveis montados no Brasil, com JK no poder. Tenho, aliás, uma grande alegria de ter conhecido anos depois o Juscelino, numa noite espetacular em que ele me convidou para assistir *Escalada*, uma novela minha que estava no ar, então fui à casa dele e de dona Sara ver a um capítulo da novela.

Thiago – Até onde me consta, ele estava com uma meia furada...

Mayara – [Risos]

Lauro – Exatamente! Essa história da meia furada é linda. Ele estava com uma meia verde e dona Sara disse: “Juscelino, sua meia está furada”. Ele olhou bem, ficou aquele constrangimento, mas ele disse que não ia trocar de meia, que estava ali comigo vendo a novela. “Lauro, você repara que eu estou com a meia furada?” Aí caímos na gargalhada. Eu disse: “Ao contrário, presidente, vou um dia poder contar que assisti a um capítulo da minha novela com o senhor e ainda por cima com a meia furada”. É uma história que entrou pra minha vida. Uma glória [risos].

Thiago – **Isso além de ter sido chamado por Procópio Ferreira de “seu” Lauro, afinal, como autor da peça que você era...**

Lauro – [Risos] Você sabe mais da minha vida do que eu! Uma vez eu cheguei cedo ao TBC, onde o Procópio estava em cartaz com uma peça minha, *A infidelidade ao alcance de todos* (eram seis peças curtas; cada uma contando um gênero de teatro: uma fazia o drama, a outra comédia, a outra era mais sobre o interior, o caboclo, a outra mais sofisticada sobre o burguês e o empresário etc. Assim as seis peças se expunham, com o Rodolfo Mayer também; os meus dois ídolos fazendo alternadamente cada peça. Havia Glória Menezes no elenco também, o Altair Lima, grande galã etc). Foi um sucesso enorme. E nesse dia em que cheguei lá mais cedo o Procópio estava na bilheteria. Um homem de teatro: a primeira coisa que ele fazia era ir à bilheteria.

Thiago – **Ele e Dercy Gonçalves...**

Lauro – Mas ele não precisava muito disso, eu acho. Ele ia muito bem na televisão, não tinha que se preocupar com a bilheteria em termos de dinheiro. Mas tinha esse hábito. E pela quantidade de pessoas que ele visse que até aquele momento tivesse comprado ingressos (pessoalmente ou por telefone ou por reserva), ele já sabia quantas pessoas haveria na plateia, de cabeça. Até que ele me disse: “Senhor Lauro, hoje nós vamos ter 320 pessoas.” O teatro tinha 400 lugares. Eu respondi: “Seu Procópio, não me chame de senhor Lauro”. E ele respondeu: “Então, senhor Lauro, não me chame de seu Procópio”. E ficamos nessa brincadeira por um bom tempo. Detalhe que naquele dia não teve 320 pessoas, mas 321. Ele errou por uma. Maravilhoso. Ele sabia tudo de teatro.

Thiago – **O estilo de interpretação dessa geração... Procópio, Dulcina etc., era diferente do *modus* interpretativo de uma geração mais moderna naquele momento. Como você vê essa diferença?**

Lauro – Eu estava muito mais ligado ao pessoal da atualidade, o Teatro de Arena, o Oficina; aquele teatro que estava se renovando. O TBC já tinha um bom tempo de vida, através do Franco Zampari, ligado também à Vera Cruz, de cinema, que era um grande empresário que apostou que São Paulo tinha uma vocação teatral, e ele estava certo! A Vera Cruz criou muitos filmes interessantes que criou também um estilo de cinema brasileiro mais sofisticado. Com atores mais profissionais, mais vividos, como Paulo Autran, Walmor Chagas, Cacilda Becker. Esses grandes nomes do teatro foram para o cinema.

Thiago – **Você acha que esses filmes ajudaram a modernizar a linguagem de interpretação do teatro em relação à geração anterior?**

Lauro – Sem dúvida. O cinema anterior era mais de chanchada, embora não se possa afirmar essa palavra com um viés negativo. Era um estilo de comédia que foi um grande sucesso antes da Vera Cruz, por exemplo com atores como Oscarito, comico de excepcional qualidade, Grande Otelo, Dercy... Fizeram a chanchada de modo muito competente.

Mayara – Você acha que o jeito de eles fazerem esse novo cinema com a Vera Cruz mudou a interpretação no teatro daquela época? Ficou menos empostada?

Lauro – É possível sim. O cinema pedia uma interpretação menos rebuscada.

Thiago – **Você falou do Teatro de Arena... Sei que você teve esse contato grande, não só no Arena, mas com o Boal especificamente, na Escola de Arte Dramática também. Eu sempre imaginei que você teria participado do Seminário de Dramaturgia do Arena, e depois pesquisando descobri que isso não aconteceu. Por que?**

Lauro – Pois é. O Teatro de Arena organizou esse Seminário. Eu achei que eu pudesse participar porque conhecia o Boal, ele já tinha lido algumas pecinhas minhas, dado algumas opiniões. Então perguntei a ele se eu podia integrar o hoje famoso Seminário de Dramaturgia. Mas ele tinha já o grupo completo. Fizeram um grupo ligado aos atores do próprio Arena que queriam ser autores e outros vindos do Rio, como o Vianinha, dispostos a fazer uma coisa mais fechada neles mesmos. Fiquei de fora. Mas o Boal me disse que não me preocupasse, porque ele daria aulas de dramaturgia na escola do Alfredo Mesquita, a EAD. Foi o Boal quem introduziu um curso de dramaturgia na

EAD, então me convidou para assistir, o que eu achei ótimo, porque começaria meus estudos do zero, e não pegando um grupo já em andamento. De fato, foi na Escola de Arte Dramática que ele inaugurou esse grupo. A escola funcionava no Liceu de Artes e Ofícios, perto da Estação da Luz, e ali nós tínhamos um bom número de salas para as aulas. Uma conquista do Alfredo Mesquita, que era da família do jornal Estado de S. Paulo, mas ele preferia lidar com o teatro do que com o próprio jornal. Fui para esse curso e o Boal foi meu primeiro professor. Ali eu comecei minha formação teórica de dramaturgia, embora eu já tivesse para meu uso pessoal um decálogo, como eu chamava. Dez leis feitas por mim, que pudessem me ajudar a dominar a dramaturgia. Criei essas leis a partir da minha própria experiência pessoal. Coloquei dez pontos importantes para mim enquanto fazia meus ensaios dramatúrgicos. Senti, por conta própria, que havia coisas muito importantes como o conflito. Um princípio fundamental. E que esse conflito não podia ser estático, mas sim dinâmico, ou seja, algo que se alterava à medida que a peça rolava. Era muito pouco por enquanto, mas de qualquer forma era uma referência que me ajudava. E assim fui compondo as outras leis para meu uso. Até que surgiu o Boal na EAD com leis de dramaturgia vindas de outra base, que ele havia assimilado numa temporada que passou nos EUA, principalmente em NY, onde assistiu muito teatro. Foi pra estudar química e se formou em teatro. Voltou para o Brasil com um formato de ensino de dramaturgia maravilhoso, baseado em Hegel, nas leis do filósofo alemão Hegel, que era realmente uma base desconhecida por nós brasileiros. Não havia traduções. Foi o Boal quem nos trouxe tudo e nos passou uma primeira possibilidade de usar teoricamente a dramaturgia. Hegel foi nosso ponto de partida graças ao conhecimento do Boal.

Thiago – Obviamente que falar de Hegel é algo infinito, mas dentro do possível você poderia fazer de modo sintético um resumo do que eram esses pressupostos hegelianos?

Lauro – Estou muito distante disso há alguns anos, embora tenha sido professor dessa matéria. Mas eram basicamente quatro leis. A primeira era a lei do conflito. O teatro tem personagens que estão claramente em conflito. Essa era a principal lei. A lei do conflito não poderia ser, contudo, uma lei estática. Tinha a dinâmica que já mencionei. Então tinha uma variação de quantidade e outra de qualidade. As tensões dramáticas tinham quantidades crescentes, sempre crescentes. Ou seja, a dramaturgia fazia o crescimento da ação. A dramaturgia criava, na relação entre as personagens, uma noção

de crescimento. Havia uma quantidade de crescimento até que houvesse uma outra variação de ordem qualitativa. Ou seja, a ação cresce até um ponto de variação qualitativa; aí muda a qualidade do aspecto dramático. As personagens vão crescendo na quantidade de conflitos até que uma leva vantagem sobre a outra, ou a outra sobre uma, um conflito nítido de variação. As personagens variavam. Não eram mais apenas uma ligação de quantidade, mas se modificavam. Então conflito, variação quantitativa e variação qualitativa tinham uma inter-relação de pensamento. A coisa não era de um lado ou de outro. Havia uma ligação forte entre a primeira lei do conflito com relação às duas variações. Essa ligação é precisamente a última e quarta lei.

Thiago – Por falar em aula, como eram as aulas do Boal?

Lauro – Excepcionais. Ele tinha a experiência como aluno nas aulas de dramaturgia em Nova York, mas também acrescentou aspectos próprios sobre essa teoria, a partir da visão dele sobre teatro e sobre o nosso país. As aulas do Boal eram fantásticas. Santo Augusto Boal. Ele nos trouxe o diferencial que nos transformou em função das nossas necessidades. Entrava o Brasil com muita força. Isso foi muito bom. Até que ele foi lecionar na EAD, como já mencionei. Hoje, a escola do Alfredo Mesquita está incorporada à USP.

Mayara – Onde eu me formei aliás. Fiz EAD já na fase da USP.

Thiago – O que te rendeu, como atriz, uma credibilidade ainda maior junto ao Jorge Andrade, que ficou encantado ao saber da sua ligação com a escola, não é?

Mayara – Exatamente. Porque ele também havia se formado na EAD. Foi companheiro do Lauro. Grande Jorge!

Lauro – Ele era amigo da minha família antes de nos encontrarmos na EAD, aliás. Eu tinha uma tia, a tia Floripes, que foi professora da esposa do Jorge, a Helena, em Guará ou Ituverava, bem ao norte do estado de São Paulo, onde ficava também a fazenda do Jorge Andrade, região onde a família Almeida Prado tinha forte tradição. Helena era Almeida Prado. Quatrocentões, figuras maravilhosas, ao contrário do que muita gente pensa. Assim foi Décio de Almeida Prado, grande... talvez o maior crítico de teatro que o Brasil já teve, junto do Sábado Magaldi. Eles dois assimilaram todo o teatro brasileiro. Foi todo o contexto do famoso Suplemento Literário do jornal Estado de S. Paulo, que a turma do Décio criou, no qual figuras como eu e o Jorge, sedentas de aprender teatro,

mergulhamos, até que viesse o Boal do EUA e uma história se ligasse à outra. Portanto eu conheci o Jorge bem antes da EAD, nesse contexto ainda de Guará.

Thiago – Onde seu pai tinha um cinema...

Lauro – Exato, papai tinha paixão por cinema. Eu ia a esse cinema. Ele passava *Branca de Neve* para mim, quando criança, de dia. E à noite exibia filmes adultos, cobrados, para toda a cidade. Filmes sobretudo das décadas de 1940 e 50, como *Casablanca*, grande sucesso! Anos depois, papai vendeu o cinema, obrigado, porque perdeu muito dinheiro com o algodão, comerciante que ele era. Teve que sair da cidade, devendo muito, uma situação complicada...

Mayara – Que é exatamente a história que você conta na sua peça *Luar em preto e branco*, que eu fiz como atriz...

Thiago – Era aí que eu queria chegar...

Lauro – Exatamente. Foi quando viemos para São Paulo, onde cresci, me tornei adulto e vivi quase toda a minha vida de teatro, cinema e até como engenheiro...

Thiago – E um pouco no Rio de Janeiro, por conta das telenovelas, né? Mas a Mayara deu a deixa que eu estava querendo capturar. Justamente o link entre a história do seu pai, a venda do cinema e o modo como você colocou isso na sua dramaturgia em *Luar em preto e branco*, que a Mayara fez. E, no entanto, ela fez teatro, cinema e novelas de sua autoria. Mayara, você é a atriz “muniziana” por excelência. Fala um pouco sobre sua experiência como atriz em obras do Lauro, muito antes desse encontro pessoal entre vocês.

Mayara – Olha, a gente se conheceu em 1983, quando já estava sendo exibido o filme *A próxima vítima*, do João Batista de Andrade, com roteiro do Lauro. Estávamos ambos assistindo, ele lá no fundo da sala. No final, fomos nos cumprimentar e o Lauro me disse: “Gostei muito do seu trabalho. Você é uma boa atriz”.

Lauro – Mayara fazia o papel principal do filme, junto do Antônio Fagundes. Eu fiz o roteiro junto do João Batista. Foi assim que nos conhecemos pessoalmente, porque já sabia dela antes, claro.

Thiago – Então durante aquela sequência infundável de testes que você, Mayara, teve que fazer para entrar no filme, o Lauro não estava. Os testes eram feitos só pelo João Batista de Andrade?

Mayara – Exatamente. O Lauro não estava. Nos conhecemos só mesmo nesse dia da exibição do filme. E esse foi meu primeiro trabalho mais marcante, que me projetou muito, ganhei prêmio etc.

Lauro – O filme é muito bom. Quem tiver oportunidade veja!

Mayara – Depois do filme veio a novela *Roda de fogo*, uma personagem maravilhosa, a Helena. Uma novela brilhante, era muito, muito boa. Em todos os sentidos. Direção do Denis Carvalho. Texto do Lauro e do Marcílio. Eu amava fazer a novela. Mas eu e o Lauro não conversávamos. Não havia nem tempo para isso. A rotina de escrita de uma novela é ainda mais alucinante do que a dos atores. Aí, passado um tempo, fiz *Salvador da pátria*. Meu Deus! Que sucesso. Um marco total. Depois de uns dois anos, Lauro me chama para fazer *Luar em preto e branco*, com Serginho Mamberti dirigindo. Aí minha primeira conversa para entrar na peça foi com o Serginho e com o Lauro junto. Os dois me chamando para fazer dois personagens: a mulher do dono do cinema, a Carolina; e depois eu fazia a filha Luiza.

Thiago – Ou seja: de certa maneira, você representava a mãe do Lauro.

Mayara – É... Exatamente. A mãe do Lauro! [Surpresa. Para Lauro] Nossa, amor. É verdade [*Risos*]. Sei lá, as pessoas falam de intimidade dramática. Eu acho que isso deve existir porque eu me dei muito bem fazendo as personagens do Lauro. E amava! Tudo foi feito com muito amor e muito carinho. Mas só voltamos a nos falar em 2021 e começamos a ficar juntos desde então...

Lauro – Eu vim para ficar quatro dias na casa dela e já estou aqui há 1 ano e 4 meses.

Thiago – Ela te raptou, Lauro! Sua próxima peça tem que se chamar *O rapto*. [*Risos de todos*].

Mayara – É verdade. Olha só...

Lauro – Eu não tinha nenhum projeto para teatro. Agora já tenho! [*Risos de todos*].

Thiago – Mayara, qual a maior qualidade do Lauro como dramaturgo?

Mayara – Acho que ele tem uma marca forte que é a temática política. E também acho que ele escreve muito bem cenas de romance. Ele tem um texto para cenas de romance que fogem do comum. E sempre marcado por fatos políticos de modo brilhante. É muito interessante.

Thiago – **E para você, Lauro, quais são seus pilares temáticos?**

Lauro – Olha... é muito difícil que eu tenha alguma ideia que isole o aspecto político. Eu tenho quase que uma paixão, uma necessidade muito nítida de me envolver politicamente com os fatos do momento. Então esses dias que nós passamos nesse mês incrível de janeiro, por exemplo, me estimularam a escrever, por conta do 8 de janeiro, com aquele ex-presidente tentando dar um golpe por meio da invasão em Brasília. Se fala que não foi golpe, *pero...* é muito difícil que aquilo não tenha sido orquestrado com essa finalidade. O próprio Lula disse que também achou que fosse uma tentativa de golpe contra a eleição dele. Finalmente, felizmente, esse golpe fracassou, porque eu prefiro ver no poder o presidente em quem eu votei.

Mayara – E um presidente que já te entregou um prêmio. O Lula entregou um prêmio pro Lauro...

Lauro – Já tive esse privilégio de receber um prêmio das mãos dele, quando ainda era ex-presidente. Foi uma honra.

Thiago – **Quando você começa a escrever uma peça teatral, você já tem enredo e personagens definidos ou a coisa se delinea no processo?**

Lauro – As duas possibilidades já me aconteceram claramente. Em mais de uma peça. E também de a peça partir de uma outra peça pequena, coisa de meia hora, até 20 minutos. E depois o tema é tão forte que eu acabo sentindo necessidade de ampliá-lo. Em *O santo milagroso* aconteceu isso. Foi o resultado de um aprofundamento, para algo mais interessante, mais engraçado etc. A peça resultou até hoje num dos meus grandes sucessos de assistência. Recentemente foi encenada de novo, mas não consegui ver. Pelas imagens no jornal, acho que deve ter sido lindo. Espero que eles possam repetir pelo menos uma vez, para que eu possa ir.

Mayara – Tem *O líder* também, né? Como nasceu a ideia?

Lauro – *O líder* foi uma peça que integrou a *Feira paulista de opinião*. Li no jornal a história de um pescador que vivia perto do Guarujá que me inspirou. Aproveitei a

notícia para a escrita da peça. Até que certa vez eu estava hospedado na casa de um tio no Guarujá e dei uma carona para um homem na estrada que acenou para mim e eu parei. Ele me disse seu nome, conversamos no carro, e ele enfim me confessou que sua história havia virado teatro em São Paulo. Quase morri. Até que, ao chegar no destino dele, ele queria me dar dinheiro pela carona e eu respondi: “Não, quem vai te pagar sou eu, porque sou eu o autor que se inspirou na sua história para escrever a peça *O líder*. Eu estou devendo pra você”. Ele ficou incrédulo. Falou que eu estava apenas sendo gentil. “Não estou sendo gentil nada. Gentil é você que me deu uma peça inteira. Precisamos tomar um café para conversar mais.” Puxa vida! Nem ele e nem eu podíamos imaginar que nossos destinos nos uniriam depois de eu ter me baseado na vida dele para a escrita da peça. Fomos tomar café, ficamos conversando mais. Romão do Nascimento. Oi, Romão!!! Você ainda vive? Deus te crie! Romão, me procure! Eu ainda estou vivo, você é mais jovem que eu. Queria te ver mais uma vez, Romão. Talvez você tenha alguma outra peça para eu escrever.

Thiago – Depois de *O rapto*, Romão! Só depois!!!

Lauro – Ah, primeiro é *O rapto*! Tá bom. Vou começar a escrever. [*Risos de todos*]

Thiago – **E tudo isso dentro do contexto da *Feira paulista de opinião*, que é uma das coisas mais importantes da época em termos de teatro, teatro político, contestação, gesto de libertação. A desobediência civil de vocês é uma coisa histórica! Não se conta essa fase do nosso teatro sem passar pela *Feira paulista de opinião*.**

Lauro – Realmente, posso admitir que foi algo histórico, sim, na medida em que o Boal pegou essa ideia que eu tive e passei para ele, transformando-a no projeto da *Feira*... Era uma reunião do SESI, em que estávamos com o Osmar Rodrigues Cruz, e quando o Boal leu *O líder* levantou o papel e bradou: “O Arena pegou essa peça! Agora é nossa!” Aí fui viajar para fora do Brasil e quando voltei a peça já havia estreado (era uma das seis peças que integravam a *Feira paulista*...). E já era um pepino grande. O pessoal do Comando de Caça aos Comunistas começou a invadir o Teatro Ruth Escobar, onde ficavam a sala Gil Vicente, onde estava *Feira paulista*, e a outra sala onde o Zé Celso dirigia a *Roda viva* do Chico Buarque. Era um acontecimento. E o CCC invadiu. Só que para invadir a sala que ficava lá embaixo era mais complicado, porque o acesso se dava por uma escada estreita que descia para a Gil Vicente. E essa escada era o único acesso;

para entrar e para sair tinha que ser por ali. Por essa dificuldade em nos acessar, a peça do Chico acabou sendo alvo daquela depredação e violência humana absurdas que todos conhecem. Mas os atores da *Feira paulista* – com textos meu, do Bráulio Pedroso, Gianfrancesco Guarnieri, Jorge Andrade, Augusto Boal e Plínio Marcos – ficavam nos camarins munidos de armas, revólveres, espingardas, tudo para se defenderem de eventuais avanços do CCC

Thiago – Vocês foram muito corajosos. Eu tenho a maior admiração por esse episódio do nosso teatro. Ruth Escobar, Fernanda Montenegro, Cacilda Becker, vocês autores, o elenco, enfim, toda a classe teatral...

Lauro – Nós fizemos um grande momento para o teatro brasileiro. O CCC era um comando ligado à ditadura que, com o AI-5, em 1968, ficou ainda mais pesada e violenta. Todos nós sofremos muito.

Thiago – Tendo em vista o caráter político da sua obra e o momento histórico em que a questão política era particularmente presente, qual a sua peça mais importante sob esse viés? Ou qual a sua melhor peça, se você preferir...

Lauro – Bom, eu fui lançado pela Cacilda Becker com *O santo milagroso*, então é uma peça que está no meu coração. Eu acho que ela é muito bem feita. Tive a felicidade de conseguir transformar um texto de 20 ou 30 minutos, como disse, numa peça maior que levava cerca de duas horas. Resultou muito bem para o público. Então dá sempre certo. Mas há peças minhas mais fortes e mais preocupadas como *Sinal de vida*, uma peça que o Antônio Fagundes fez no Teatro Augusta. Ficou um ano em cartaz, e só não continuou porque ele tinha um compromisso televisivo com a Globo. E eu jamais quis substituí-lo, imagina, um dos maiores atores do Brasil.

Thiago – Qual a sua maior vaidade?

Lauro – Tenho um pouco de problema com essa palavra, vaidade. Não só com a minha mas com a vaidade de qualquer pessoa. A vaidade diminui as pessoas. Toda vez que eu vejo alguém muito vaidoso, me aborreço. Tenho aversão a essa palavra. Tenho muito medo de errar também como já vi outros errando. A vaidade destruiu muitos profissionais da minha área, tanto atores quanto autores. Me incomoda. Mas mencionemos a vaidade enquanto algo que mais me fascinou no meu próprio trabalho.

Já falei de *O santo milagroso*, e diria que gosto muito de *O líder* também. *Sinal de vida* talvez seja a minha peça mais completa, mais pronta...

Thiago – Dramaturgicamente mais bem acabada? Tem uma melhor carpintaria?

Lauro – Com certeza. E acho que isso é porque eu também já tinha mais maturidade. Houve peças que eu quis escrever sem estar no momento certo de fazê-las, e então não resultou no que eu queria. *A comédia atômica*, por exemplo, é uma peça que eu achei que estava preparadíssimo para escrever, e não estava. Ainda estava ensaiando um caminho. Fiz uma peça dirigida pelo Boal, que inclusive me ajudou a salvar a peça.

Thiago – Têm lido alguma coisa?

Mayara – Não, temos visto muito filme, isso sim...

Lauro – Vemos muitos filmes, séries... Temos tido sorte com filmes ótimos, que assistimos às vezes sem nenhuma referência. Uma obsessão minha é saber a origem do filme, o contexto cultural em que ele foi produzido.

Thiago – E qual a função da arte para vocês?

Mayara – Para mim a função é a de transformar o indivíduo por meio das emoções, das palavras que os atores escrevem e das quais eu sou a porta-voz.

Lauro – Mayara é uma ótima atriz. Sobre a minha relação com a arte, repito a pergunta que a Renata Pallottini fez para o Boal: “Se o Lauro se formou em engenharia, trabalhou 5 anos como engenheiro e tal, qual a origem dele como dramaturgo?”. E o Boal respondeu que o meu caso era nato. Ela veio contar para mim isso e eu achei uma ótima definição. Não tenho muita explicação sobre a origem e a função da arte em minha vida. Afinal, comecei a escrever muito antes de ter maiores conhecimentos de dramaturgia. Eu escrevia desde quando assistia o Circo Seyssel o circo do Arrelia (Waldemar Seyssel), grande palhaço. O maior palhaço que eu conheci. E um grande comediante. Mas diria que ele era mais comediante que palhaço porque dificilmente eu via nele o uso do clichê, e o palhaço vive do clichê. E no entanto o Arrelia vivia de outros recursos que os outros palhaços não tinham e nem queriam ter. Arrelia criou aquele palhaço meio sério, meio filósofo, arrojado. Um dia o Arrelia notou que meu pai comprava sempre uma frisa de frente para o palco do circo dele. E foi dizer isso para o meu pai. Papai respondeu que eu cultivava muito o teatro dele, gostava demais das apresentações, tanto que escrevia poesias depois inspirado naquilo etc. Me apresentou

para o Arrelia. E naquela noite ele trabalhou especialmente para nós, se referindo a nós o tempo todo de sua apresentação. Eu fiquei todo contente porque o Arrelia olhava para mim.

Thiago – Aproveitando o *link* da engenharia por conta da pergunta da Renata Pallottini, você acha que a exatidão da engenharia ajuda numa certa necessidade de exatidão que a dramaturgia, de outro modo, também pede?

Lauro – Essa é uma pergunta é muito boa. Encantadora. Vou tentar entender isso melhor para te responder. A engenharia me deu uma cabeça racional demais. Me deu uma racionalidade que eu talvez não tivesse sem essa formação. É inevitável que depois de cinco anos de tanta matemática a gente tenha um tipo de pensamento mais exato, estudando física, química. Essa racionalidade teria influência no meu teatro? Essa sua pergunta me fascinou. Outros autores têm uma visão mais humanizada, no sentido das Humanas, do que eu? Eu não sei. Se isso me prejudicou ou me ajudou. O fato é que eu fui dramaturgo. Abandonei a engenharia e fui trabalhar no teatro, no cinema, na televisão. Quem sou eu? Um engenheiro que virou dramaturgo ou um dramaturgo que negou a engenharia? Tomara que seja o segundo.

Mayara – Eu acho que sim. E é preciso dizer que apesar desse racionalismo todo, ele é extremamente sensível. Já o vi escrevendo, e ele ri nas cenas engraçadas, se emociona profundamente nas cenas tristes. Então é racional, mas se envolve demais emocionalmente também...

Lauro – Sem dúvida. Eu quando escrevo me emociono muito. O dramaturgo matou o engenheiro.

Thiago – A dramaturgia, na sua visão, é um gênero textual que necessita de maior exatidão? Li isso em algum lugar, não me lembro agora... Mas não deve ser à toa que chamamos a construção dramaturgicamente de carpintaria. Tem uma construção de fato implicada ali?

Lauro – Sabe que desde cedo eu ouvi muito essa palavra, carpintaria, e ela é fascinante mesmo. Você a está usando, e eu há muito tempo não a ouvia. Mas ela é perfeita porque você se sente num *atelier*, numa carpintaria mesmo, num local onde se fazem trabalhos em madeira, geralmente objetos que têm algum valor artístico.

Thiago – Da ordem do artesanal...

Lauro – Exatamente. Você matou a questão. Realmente há muito de artesanato na dramaturgia. Ela exige essa construção, um encadeamento, uma obrigação de estar criando o cuidado com algo muito importante e que se sustente, como na engenharia. Não farei nada em carpintaria sem o martelo certo, o serrote certo, o prego certo. Na escrita teatral é assim também, tem de acertar nas ferramentas, inclusive do ponto de vista temático, lançando o assunto certo, preciso para o momento do país ou do mundo. É importante fazer alguma coisa para construir.

Thiago – **Vocês têm planos de projetos futuros? Lauro está escrevendo algo, além de *O rapto*? [Risos].**

Lauro – Vou começar *O rapto*! Mas para teatro não tenho nada previsto, não. Tenho um roteiro para televisão já sendo avaliado. Mas decidi não escrever mais novelas porque leva muito tempo, dá muito trabalho. E eu não tenho mais condições aos 85 anos de idade de me dedicar à telenovela. Agora eventualmente posso fazer uma série.

Mayara – Eu estou sem nenhum projeto no momento. Mas o Lauro tem algumas séries...

Lauro – Daniel Filho está analisando uma e ainda não teve oportunidade de me responder, mas logo deve dizer alguma coisa. Provavelmente será para alguma emissora estrangeira.

Thiago – **Ficamos aguardando ansiosos e quando for ao ar podemos marcar outro papo. Temos de encerrar, infelizmente, mas estou muito grato pelo carinho generoso dos dois.**

Mayara – Obrigada, Thiago!

Lauro – Foi ótimo conversar com você! Muito obrigado, companheiro, vamos em frente!